

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES HUMANOS E ANIMAIS ENTRE OS MBYÁ GUARANI, NAS COMUNIDADES TEKÓA YREMBÉ E TEKÓA PARA ROKE DA CIDADE DE RIO GRANDE-RS

SABRINA MATTOS DA SILVA; ROGÉRIO REUS GONÇALVES DA ROSA

Universidade Federal de Pelotas-RS– smattos.arqueologia@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas-RS – roggeriorosa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A temática que busco abordar dentro da área de Antropologia, tem o intuito de estudar o grupo dos não humanos, dentro da perspectiva Mbyá Guarani, tendo em vista que suas inferências são elementos constitutivos não apenas da cosmovisão, como também na ideia de alma, corpo, ser e cultura, compondo uma série de elementos simbióticos formadores da sociedade indígena. Sendo assim, trata-se de uma pesquisa cujo caráter teórico fundamenta-se de maneira antagônica ao antropocentrismo, questionando desde as construções epistemológicas do ocidente ao vazio da modernidade responsável pelo apagamento da agência dos animais. Defendo a hipótese que os animais possuem vida social própria e, consequentemente, estão interligados aos grupos indígenas, “O que implica na necessidade de deixarmos de lado todo e qualquer pressuposto— importado das divisões disciplinares das ciências modernas e mesmo do senso comum ou, dito de outra forma, da ontologia nativa do ocidente” (Velden; Badie, 2011, p.19).

Proponho aqui trabalhar com a dinâmica que ocorre na agência entre os seres não humanos e humanos, como essa interatividade acontece e difunde-se no saber ameríndio.

não somos capazes de observar as diversas maneiras pelas quais as pessoas estão, na verdade, conectadas a um mundo mais amplo de vida e os modos em que isso transforma o que poderia significar ser humano. Isto não é um apelo para um reducionismo sociobiológico, pelo contrário, é uma reivindicação para expandir o alcance da etnografia. Um foco etnográfico não somente nos humanos ou nos animais, mas em como as interações entre os humanos e animais explode esse circuito auto-referencial fechado do Ocidente. (Konh, 2016,p.3)

Serão feitos estudos etnográficos nas comunidades Guarani residentes no Municipal de Rio Grande- RS, em que pretendo elaborar o estudo de modo participativo e colaborativo, com a intenção de mostrar a lógica do sensível no universo imaterial e cosmológico dos Mbyá, por sensível entende-se o impacto

das emoções como um vetor importante na construção dos seres não humanos. Refletir sobre certas inquietações que circulam em torno da temática da Etnologia Indígena, trazer o foco para a perspectiva dos seres da natureza, que permeiam e estão interseccionados aos grupos indígenas. Os animais tanto fazem parte da cultura, quanto criam e protagonizam suas próprias concepções. Os animais servem de denominador comum em um mundo heterogêneo, e tanto os coletivos quanto os indivíduos se definem e constroem suas relações uns com os outros a partir deles (Segata apud Mancero; Roué, 2009, p.54)

Entre os principais objetivos, busco resgatar o olhar sensível e mítico diante daquilo que proponho por cultura animal dentro das comunidades Mbyá Guarani, aproximando-me dos impactos das perspectivas ontológicas ameríndias na vida social dos povos originários. Enfatizando a observação das relações imateriais entre humanos e não humanos que ultrapassam os signos constituídos na materialidade. Identificar como é demonstrado a cultura animal, mais especificamente ligado ao universo cosmológico dentro das bibliografias latinas e ameríndias publicadas. De acordo com Tempass (2011) os animais são agentes nas mitologias de origem dos Guarani, como exemplo os corvos sendo donos do elemento fogo, Em Cru o Cozido, podemos ver outros animais donos do fogo:

Depois de a primeira terra ter sido destruída por um dilúvio, enviado para castigar uma união incestuosa, os deuses criaram uma segunda terra e para ela enviaram seu filho Nanderu Papa Miri. Este fez surgirem novos homens, e tratou de lhes dar o fogo, que apenas os feiticeiros-urubus possuíam. (Levi-Strauss, 2004, p. 169)

2. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa etnográfica utilizando os métodos de observação participante e colaborativa, inicialmente tenho buscado bibliografias e dados que iram me auxiliar pré e pós campo. Serão utilizados alguns elementos para melhor análise dos dados, tais como: diário de campo, fichas de entrevista, gravação de vídeos e fotos, constante troca de saberes, tornando nítidas minhas intenções objetivas, buscando uma aproximação eticamente positiva, com visitas frequentes, participando da rotina e contextos das comunidades.

Meu contato com os Guarani ocorreu pela primeira vez durante minha graduação em Arqueologia, no contexto das visitas não tinha pretensão de realizar pesquisas voltadas a Etnologia, porém quanto mais conhecia sobre a cultura Guarani e sua cosmologia e a sua forma de relação com a natureza e os seres que a habitam me levaram até essa temática. Minhas idas às comunidades não me permitiram visitas longas ou estadia com maior tempo, como muito enunciado pelas pesquisas clássicas da etnografia, levando esses pontos em consideração compreendo e reflito sobre meus desafios para discutir tal relação com os animais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento realizei entre 3 a 4 visitas a comunidades Tekoa Yyrembé, no qual conversei com Cacique Eduardo, nossos diálogo foram voltados ao cotidiano de sua família. Na outra comunidade com quem também quero pesquisar, Tekoá Para Roké, da Cacique Talcira, somente tive a oportunidade de fazer uma visita breve. Os primeiros animais que tive contato na Tekoá Yyrembé, foram os cachorros, que segundo Eduardo Werá, são amigos e protetores pois além de estarem sempre acompanhando as atividades do dia a dia, ficam alerta a noite e enxergam seres do mundo espiritual, que nossos olhos não podem ver, avisam se algo ou alguém estranho está se aproximando. Procuro conseguir relacionar os caminhos que os animais fazem ao lado dos Mbyá Guarani, sabendo da importância do caminho para esse grupo, através da categoria mobilidade:

(...)Que os Mbyá migram a procura de melhores condições de vida, físicas e simbólicas. As razões para os deslocamentos podem assim ser atribuídas a razões ecológicas, econômicas, míticas, mas, imbricadas no cerne dessas motivações, provavelmente estejam razões de ordem onto e sociocosmológicas. (Denardi, 2010, p.39)

E nessa perspectiva do caminhar responder, os animais representam e apresentam caminhos para seguir? Os caminhos no céu e na terra se interligam?

4. CONCLUSÕES

Busco refletir como as relações entre humanos e animais, especialmente no contexto Mbyá-Guarani, ultrapassam a simples interação física e adentram esferas simbólicas e espirituais. Ao explorar essas relações, podemos entender melhor a riqueza da cosmologia indígena e as diferenças em relação à visão de mundo ocidental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENARDI, Mariana Machado. *Sociocosmologia Mbyá-Guarani: multinaturalismo e multiterritorialidade*. 2010.

Kohn, Eduardo. "Como os cães sonham. Naturezas amazônicas e as políticas do engajamento transespécies." *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP* 19 (2016).

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Cru e O Cozido*. São Paulo: Cosac Naify, 2004

MANCERON, Vanessa; ROUÉ, Marie. Introduction: les animaux de la discorde. *Ethnologie Française*, v.39, n. 1, p.5-10, 2009.

VELDEN, Felipe Vander; BADIE, Marilyn Cebolla. A relação entre natureza e cultura em sua diversidade: percepções, classificações e práticas. *Avá: revista de antropologia*, n.19, p.15-47, 2011.

TEMPASS, Márton César. A culinária indígena como elo de passagem da “cultura” para a “natureza”: invertendo Lévi-Strauss. *Espaço Ameríndio*, v. 5, n. 1, p. 69-69, 2011